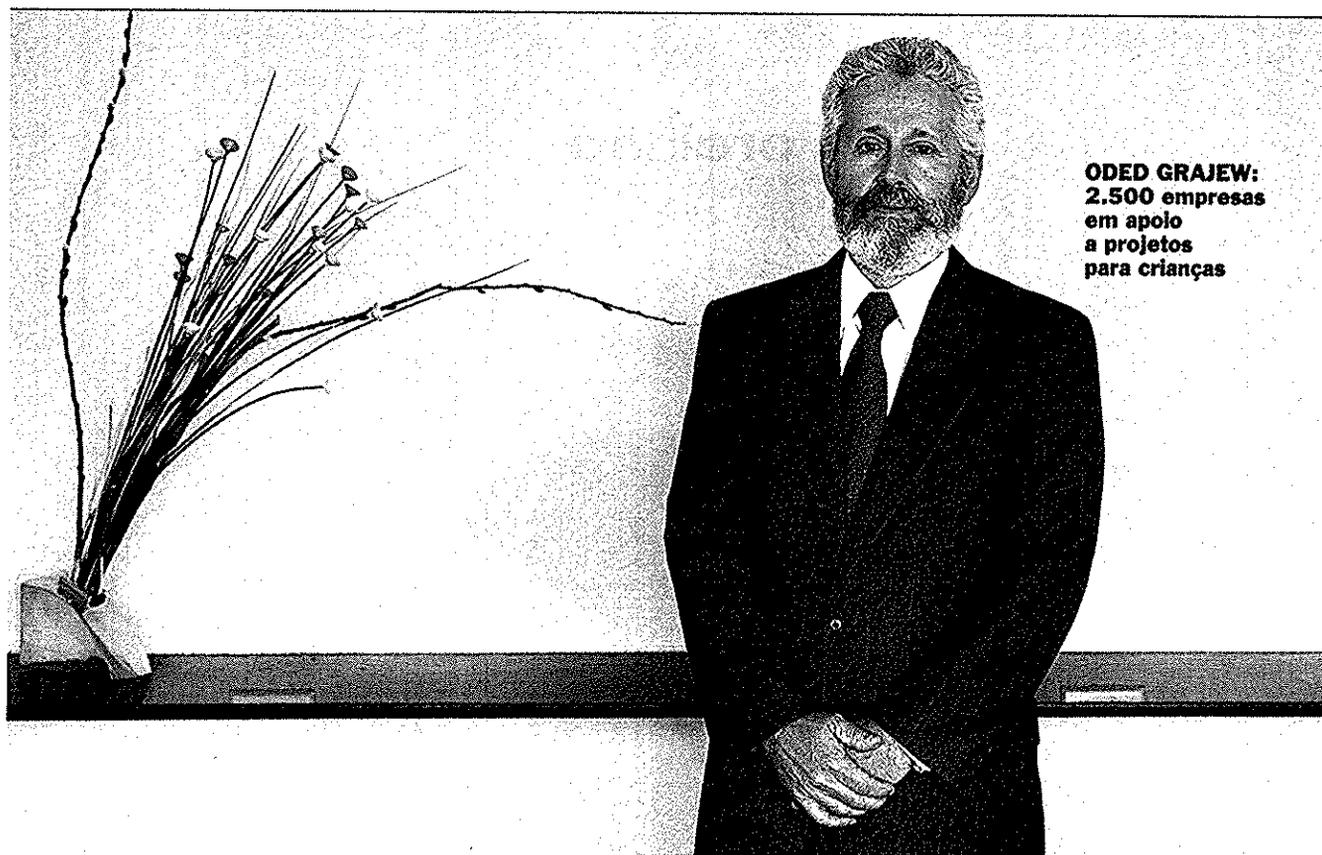


## ENTREVISTA



**ODED GRAJEW:**  
2.500 empresas  
em apolo  
a projetos  
para crianças

# “A ELITE MUDOU”

**Oded Grajew, que inspirou o Fórum anti-Davos, incentiva empresas brasileiras a assumir responsabilidades sociais e mudar o País**

**GILBERTO NASCIMENTO**

**O** empresário Oded Grajew, 56 anos, nasceu em Tel-Aviv, Israel, na época em que a região se chamava Palestina. Veio para o Brasil com a família aos 12 anos. Aos 15, seu pai faleceu e ele passou a ser um dos chefes da família. “Vivíamos bem. Mas não tínhamos posses”, lembra Oded. Formou-se em engenharia elétrica na Politécnica, da Universidade de São Paulo, enquanto trabalhava como vendedor de títulos de clubes para ajudar a família. Fez pós-graduação em administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas e atuou na área financeira. Com amigos, criou, em 1972, a Grow Jogos

e Brinquedos, da qual foi um dos dirigentes até 1987. Deixou de ser acionista da empresa seis anos depois. Hoje, se considera um “empresário social”. Oded criou a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, entidade do setor de brinquedos que conseguiu reunir 2.500 empresas para apoiar projetos em favor de crianças e adolescentes. É presidente do conselho da fundação e também dirige o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, criada há dois anos. Essa nova organização tem o objetivo de mobilizar empresas para que adotem práticas e políticas socialmente responsáveis. “Em dois anos de atividades no instituto, já temos cerca de 350 empresas associadas, que representam 22% do PIB brasilei-

ro”, ressalta Oded. Filiado ao PT, ele diz não ver dificuldade em ser empresário e de esquerda. Fluente no inglês, espanhol, hebraico e francês, Oded foi o inspirador do Fórum Social Mundial, que começou na quinta-feira 25, em Porto Alegre, como contraponto ao Fórum Econômico de Davos. É um dos coordenadores do encontro. O empresário vê com otimismo a posição da elite brasileira. “Há uma maior consciência sobre os problemas do Brasil e suas necessidades”, garante.

**ISTOÉ** – Como o sr. avalia o papel das elites?

Oded Grajew – Se um marciano descesse hoje na Terra e conhecesse o Brasil, ele daria nota zero para a elite brasi-

leira. Afinal, o País tem tanta riqueza, diversidade e potencial e tanta degradação. Mas a elite está mudando. Principalmente em sua composição. Não é a mesma de dez anos atrás. Há maior consciência sobre os problemas do Brasil e suas necessidades. Existe um movimento no sentido de reverter a situação. Estou bastante esperançoso de que hajam um processo em marcha para reabilitar essa imagem da elite brasileira.

**ISTOÉ** – Qual o pior setor da elite brasileira?

**Oded** – Tem a velha e a nova elite. A velha ajudou a construir este país do jeito que está e ainda usufrui dos privilégios. Essa não quer mudanças. Mas a nova sente os efeitos dessa realidade. Ela não participou desse processo e quer mudar. São novas gerações, que não estão muito atreladas a favores e privilégios e têm uma relação mais cosmopolita, conhecem outras realidades. É uma elite mais intelectualizada e reflexiva. É a esperança do Brasil e pode participar da construção de uma nova realidade. A velha elite desistiu do Brasil numa determinada época. Desistiu de um projeto de sociedade e procurou se resguardar no salve-se quem puder. Não buscou uma sociedade organizada, solidária. Preferiu adotar o seu Estado, com serviços privados de saúde, educação, segurança, transporte, Previdência e Justiça. Constituiu um Estado dentro do Estado e esqueceu a idéia de nação.

**ISTOÉ** – Muita gente acha que os empresários começam a dar os anéis com medo de perder os dedos. E que o Terceiro Setor estaria fortalecendo a idéia de um Estado mínimo, sem preocupação com o atendimento social...

**Oded** – Essa visão ainda existe, com certa razão, por causa de uma desconfiança em relação ao que as empresas estão fazendo. O Brasil é o país com a pior distribuição de renda do mundo. É um dos mais mal colocados no índice de qualidade de vida e também tem problemas sérios nas áreas de direitos humanos, infância, terceira idade, etc. Estamos pessimamente situados em qualquer ranking da área social. E os empresários sempre fizeram parte da elite brasileira, sempre tiveram responsabilidade sobre tudo o que aconteceu, por descaso ou

omissão. Então, a desconfiança é justificável. Agora, é importante agir para que não apenas os empresários percam tudo. O Brasil caminha rapidamente para um grande esgarçamento do tecido social. A menos que façamos uma grande mobilização nacional. Só não enxerga isso quem for absolutamente insensível. Na cidade de São Paulo, todo mês são assassinadas 520 pessoas. E esse número aumenta 20% a cada ano. Todos os cidadãos têm de agir, antes que o barco todo afunde. E não é só no Brasil que precisamos fazer alguma coisa. Agora, existe a real e concreta ameaça da extinção do planeta e do ser humano. Quanto ao papel do Estado, ele é insubstituível. Educação, saúde, segurança direitos humanos e todas as ações básicas são responsabilidades do Estado. O papel das empresas e da sociedade civil é dar referências, criar exemplos e

não pode advogar a cidadania e depois, no final de semana, dirigir o carro na estrada pelo acostamento.

**ISTOÉ** – Quem produz cigarro também tem essa responsabilidade social?

**Oded** – É um dilema que enfrentamos. No caso específico da Souza Cruz, por exemplo, ela implantou um programa de erradicação do trabalho infantil na área do fumo. É uma empresa que está orientando suas ações de marketing no sentido de não incentivar os jovens e adolescentes a fumar. Tem um trabalho educativo sobre os malefícios do cigarro. Mas, ao mesmo tempo, fabrica cigarro. Estamos fazendo essas perguntas: a atividade de fabricar cigarro deve ser banida? Isso vai causar um comércio ilegal? A atividade deve ser controlada pelo Estado? A empresa existe, tem funcionários e paga impostos. E as empresas de bebida alcoólica? Como tratamos delas? Vamos envolver todas as empresas associadas nessa discussão e depois tomar uma decisão.

**ISTOÉ** – O sr. tem fortes ligações com as ONGs e apóia o PT. O sr. é um empresário de esquerda?

**Oded** – Sou de esquerda. As pessoas têm dito que esquerda e direita não existem mais, mas isso não é verdade. Existem direita e esquerda, sim. São visões e valores diferentes. Sou uma pessoa que valoriza a justiça social, a defesa dos direitos, a solidariedade. Sou filiado ao PT. Como empresário e presidente de uma entidade de classe, sempre falei sobre a defesa

de direitos e a necessidade de uma melhor distribuição de renda. Sempre disse que não há coisa melhor para os empresários do que um partido de esquerda. Nada melhor para os negócios do que consumidor com renda e um Estado que cuide das questões sociais, da educação e da saúde. Hoje, é mais fácil para mim tomar essa posição. Quando apoiei o Lula, em 1989, foi complicado. Na Fundação Abrinq, temos a participação de vários empresários simpatizantes de muitos partidos. No Instituto Ethos, temos pequenas, médias e grandes empresas e há respeito e credibilidade pela coerência do trabalho.

**ISTOÉ** – O sr. foi o inspirador do Fórum Social Mundial. Como nasceu a idéia?

**Hoje, 31% dos consumidores já levam em conta a responsabilidade social das empresas na hora de comprar produtos e serviços**

**Estou bastante esperançoso de que haja um processo em marcha para reabilitar a imagem da elite brasileira**

formas de atuação que possam ser absorvidas como políticas públicas.

**ISTOÉ** – Existem empresas que apóiam projetos sociais, mas se envolveram em casos de corrupção. Elas têm responsabilidade social?

**Oded** – Quando falamos de ética e responsabilidade social começam a aparecer essas indagações. Vários consumidores também estão fazendo essas perguntas. E também dentro das empresas. Elas têm que responder e procurar manter a sua coerência. Se apoiar projeto social e jogar lixo no rio, se envolver em corrupção e apoiar trabalho infantil, terá uma política suicida. Vai obter uma rejeição enorme. Isso não vale só para empresas, mas para um sindicato ou uma ONG qualquer. O cidadão também

**Oded** – Sempre me incomodou muito o fato de o Fórum de Davos tratar os problemas do mundo como se fossem apenas questões econômicas. Os problemas sociais ficavam relegados a um segundo plano. É como se a economia fosse resolver todas as questões. Então, tive a idéia do Fórum Social Mundial, em que o centro são as pessoas e a economia esteja a serviço das pessoas. É necessário pensar e ver o mundo a partir das pessoas, da solidariedade, da qualidade de vida, da preservação do planeta e da espécie humana. Junto com o Francisco Whitaker, ex-vereador em São Paulo, fui conversar, em Paris, com o Bernard Cassen, diretor do *Le Monde Diplomatique*, a quem conheço e que é uma pessoa ativa na área dos movimentos sociais. O Cassen deu a sugestão de fazer o evento em Porto Alegre. Vamos enfrentar os problemas com os quais a humanidade se depara hoje e protestar contra as violações de direitos. Mais do que isso, vamos apontar caminhos e soluções possíveis, além de mostrar experiências concretas já desenvolvidas em torno de idéias que melhorem a qualidade de vida e promovam o desenvolvimento sustentável.

**ISTOÉ** – Qual o motivo que o levou a atuar na área social?

**Oded** – Essa pergunta várias pessoas me fazem. Mas acho que podia ser feita ao contrário, para quem não tem nenhuma preocupação social: como é possível viver no Brasil, onde as carências sociais são absolutamente visíveis em cada esquina, sem se preocupar com essas questões? O dia-a-dia obriga as pessoas com um mínimo de sensibilidade e visão da sociedade a se envolverem.

**ISTOÉ** – Até pouco tempo atrás, o empresário, quando atuava na área social, fazia apenas caridade. O que mudou?

**Oded** – Teve um período em que os empresários e as empresas não se envolviam nem mesmo com a atividade filantrópica. Até isso era raro. Em 1990, quando criei a Fundação Abrinq, era muito difícil explicar por que determinado setor empresarial estava se preocupando com as crianças. Causava espanto. Lembro-me de um jornalista que fez uma reportagem sobre a fundação e o seu

veículo pediu a ele para investigar o que haveria por trás dessa “jogada”. Não acreditavam. Havia dificuldades porque isso não fazia parte da cultura empresarial.

**ISTOÉ** – O empresário brasileiro exerce o seu papel de cidadão da maneira ideal?

**Oded** – Ele está num processo de conscientização do seu papel na sociedade e das suas possibilidades de exercer a cidadania. Ainda está bastante longe do que os empresários fazem na Europa e nos EUA. Está distante da plenitude de sua capacidade, do seu poder. Ainda não tem consciência de suas potencialidades e também da urgência de se fazer alguma coisa. São necessárias ações fortes e emergenciais. O empresário evoluiu, mas ainda não tem consciência de tudo o que pode fazer.

ção era muito difícil. Na época, todos já diziam: o presente é difícil, mas o futuro vai ser melhor se cuidarmos das nossas crianças. A prioridade total e absoluta era dada às crianças. Adultos abriam mão de comer carne e racionavam a comida para atendê-las. Se quisermos um País melhor e diferente, temos que prioritariamente focar a criança. Para criar a fundação, juntamos o setor de brinquedos e conversamos com o Unicef. Parecia uma coisa extravagante, mas deu certo. Hoje, a fundação extrapola o setor de brinquedos. Participam atualmente como patrocinadores ou apoiadores mais de 2.500 empresas. Temos inúmeros projetos em parcerias com prefeituras e bandeiras como o combate ao trabalho infantil. Mais de um milhão de crianças são beneficiadas pelos projetos e a fundação se tornou uma referência na área da infância.

**ISTOÉ** – E por que surgiu o Instituto Ethos?

**Oded** – Surgiu a partir de um grande movimento em torno da responsabilidade social dos empresários. É um outro patamar de engajamento das empresas com as questões da sociedade em geral. É uma forma de gerir a empresa com responsabilidade social, com a ética, em que princípios e valores orientem as ações. Também a relação com os fornecedores, funcionários, consumidores, governo, meio ambiente, sociedade, concorrentes, investidores, acionistas, etc. A gestão socialmente responsável cada vez mais diferencia a

empresa. Ela reforça a sua imagem e consegue melhores condições de competitividade e lucro. A missão do Instituto Ethos é mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a implementar essas práticas e políticas socialmente responsáveis. Isso é, cada vez mais, uma condição fundamental para a empresa permanecer no mercado e ganhar espaço. Hoje, 31% dos consumidores brasileiros já levam em conta a responsabilidade social da empresa na hora de comprar produtos e serviços. E 50% dos formadores de opinião também consideram essa questão. Responsabilidade social hoje é um grande fator de sucesso das vendas e a irresponsabilidade um grande fator de risco. A empresa que se descuidar pode ter grandes problemas junto ao consumidor. ■

**As pessoas têm dito que esquerda e direita não existem mais, mas isso não é verdade. São visões e valores diferentes**

**O papel das empresas e da sociedade civil é criar exemplos e formas de atuação que possam ser absorvidas como políticas públicas**

**ISTOÉ** – Como estamos em comparação com os EUA e com a Europa?

**Oded** – Nos EUA, existe uma associação que reúne 47 mil fundações. No Brasil, organizações com as mesmas características não passam de algumas centenas. O Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife), aqui, tem 57 organizações privadas. Vejam bem: o similar nos EUA tem 47 mil. O patrimônio das fundações americanas era, até 1998, de US\$ 385 bilhões. E eles são obrigados a investir, no mínimo, 5% de tudo isso. Somente em 1998, elas fizeram doações num total de US\$ 22 bilhões.

**ISTOÉ** – O que levou o setor de brinquedos a criar a Fundação Abrinq?

**Oded** – Em Israel, onde nasci, a situa-